

Raridade na sala de aula



Magistério é ramo majoritariamente feminino na região

Levantamento mostra que somente um a cada grupo de 11 professores que exercem profissão nas redes públicas municipais no Grande ABC é homem

Apenas em um cada grupo de 11 professores das redes públicas municipais no Grande ABC é homem. Ao se levantar o recenseamento por gênero nas escolas da região, nota-se que o magistério é majoritariamente feminino - as mulheres são 89,6% do total. Levantamento coordenado por Gilmar Rodrigues, secretário de Educação do Estado, em São Paulo. Foto: Roberto Pires e Rio Grande da Serra, que somam 6.331 docentes, sendo 553 homens. São Bernardo e São Caetano não responderam ao Diário. Masá enviou informações completas. Coordenadora do GT (Grupo de Trabalho) de Educação do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, Ana Lucia Sanchez avalia que a sala de aula reflete a estrutura so-

cial do Brasil, que é patriarcal. "É um contexto histórico. Entende-se que maternidade e educação são coisas que se esperam. Isso afeta os homens da docência". Gilmar Rodrigues, que trabalha em Ribeirão Preto, conta que pais ainda erram ao escolher que não será uma mulher que ensinará os filhos. [Veja mais](#)

Homens representam 11,4% dos docentes da rede municipal; número reflete estrutura patriarcal

BEATRIZ MIRELLE beatrizmirelle@gabc.com.br

A docência não entrou de imediato na vida de Lisardo Monteiro Garcia Neto, 59. Ele ficou à espera, como se esperasse o momento certo para ir à escola como professor. Na década de 1990, enquanto trabalhava como jornalista, ele adorava ensinar os estagiários sobre as técnicas da profissão e, de vez em quando, lecionava uma aula ou outra. Nada definitivo. Apenas em 2013, quando viu o edital para concurso estadual, ele decidiu se inscrever como professor de matemática, função que exerce atualmente. No Dia do Professor, celebrado hoje, Monteiro resume que a profissão é o que lhe mantém motivado. "Ser professor é, acima de tudo, uma missão. Parece uma coisa romantizada, mas não é. O que eu mais gosto de fazer é estar em sala de aula. Isso me motiva a acordar, sair da cama e enfrentar os problemas do dia a dia, que são comuns na vida de qualquer profissional", diz Monteiro, docente na E.E. (Escola Estadual) Colômbio Gomes, em Santo André.

Aplicação pelo que faz, de saber dos entres quando se trata de uma disciplina que mistura números e letras, equações e fórmulas, mas com o poder do ensino, não mede esforços para atrair a atenção dos estudantes. "Ninguém vai para frente sem a educação. Não há transformação social que aconteça sem a educação. Poder receber um aluno e fazer uma diferença positiva na vida dele é algo sem explicações. Esse é o prazer que eu, pessoalmente, vejo na docência."

Monteiro é um dos 53.908 professores homens de todas as etapas, o que representa 29,7% do corpo docente concursado. Nas escolas municipais do Grande ABC, o número apenas um é homem (11,4%). O dado considera Santo André, Diadema, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, que somam 6.331 docentes, sendo 553 homens. Masá tem 1.200 professores, mas não enviou a informação com recorte de gênero. São Bernardo e São Caetano não responderam.



MISSÃO. Monteiro deixou o jornalismo para ensinar matemática e diz que se encontrou na docência; no Estado, são 53.908 professores homens, já Grande ABC tem 553

Raridade na sala de aula

Na avaliação da coordenadora do GT (Grupo de Trabalho) de Educação do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, Ana Lucia Sanchez, secretária de Educação de Diadema, "a maioria composta por mulheres entre os profissionais da educação não é um mérito. O magistério reflete a estrutura social. Vivemos uma sociedade que ainda tem repartições patriarcal. Acontece com enfermeiras, professoras. Não é incomum que a maioria, especialmente educação básica e infantil, seja mulher. É um contexto histórico. Entende-se que maternidade e educação são caminhos que se esperam. Isso afasta os homens da docência."

mens pela profissão, a coordenadora do GT acredita ser possível a evolução dessas estatísticas. "É necessário desconstruir a ideia do homem só como provedor, que não se envolve com a infância e não se compromete com o trabalho cotidiano e delicado exigido pela docência. Enquanto isso, os homens também estão vivendo um processo de desconstrução. A cada geração, eles estão mais presentes na educação dos filhos. É uma mudança sociológica, estamos em curso dela para que tenhamos cada vez mais participação dos homens na educação tanto no ambiente privado, quanto no ambiente público, desde a creche até o Ensino Médio."

CRIATIVIDADE Gilmar Rodrigues, 46, é professor da educação infantil da E.M. (Escola Municipal) Professor Valberto Fusari, em Ribeirão Pires, desde 2007, com aulas direcionadas para alunos de, no máximo, 4

anos. Aos pequenos, questões como autonomia e coordenação motora são trabalhadas em sala de aula. "Durante a observação de como as crianças se comportam, eu consigo entender a necessidade de cada aluno. Gosto muito de trabalhar com brinquedos de madeira e de montar e desmontar. Por exemplo, tem criança que, no momento da pintura, não consegue fazer o movimento pinça e tem dificuldade na coordenação motora. Pesquiso e fiz um brinquedo com tampinhas, papéis e palito de churrasco. Com ele, os alunos conseguem traçar o movimento de traço e, quando vão pintar novamente, já apresentam evolução". Segundo Rodrigues, no início do ano letivo, os olhares dos pais de alunos entregam as inseguranças das famílias logo na primeira reunião. "O fato de ter um homem em sala de aula trabalhando com crianças não é para gerar nenhum espanto. Vejo que os pais ficam receosos, com pré-conceitos em relação à violência. Depois que eles veem a evolução dos filhos, essa mentalidade acaba. Ver a mudança das crianças me incentiva a continuar."

DIÁRIO DO PROFESSOR

Table with 4 columns: Município, Total de docentes, Número de homens professores, Número de alunos, Piso Hora/aula

São Bernardo e São Caetano não enviaram os dados. Masá não especificou o número de homens na rede municipal. *Considerando 40 horas por semana

Precarização da profissão afasta novos professores

Estruturas de trabalho precárias, contexto pós-pandemia, salários baixos, entre outras dificuldades que podem fazer parte da rotina de um professor, são fatores que desestimulam que jovens se interessem pela docência. "Precisamos construir a cidadania do educador, com boas remunerações, carreira estruturada e formação permanente para que daqui a cinco anos não tenhamos falta de docentes na rede", analisa a coordenadora do GT (Grupo de Trabalho) de Educação do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, Ana Lucia Sanchez.

Para ela, que também é secretária de Educação de Diadema, o sacramento de educação ainda mais que novos profissionais se interessem pela licenciatura. "Devemos colocar a educação básica como uma prioridade, no mesmo patamar do que, por exemplo, as engenharias e precisamos defender a criação de centros de pesquisa para formação de professores nas sete cidades. Entre as décadas de 1980 e 2000, as atuações da Fundação Santo André e Universidade Metodista de São Paulo foram essenciais para criação de

docentes. "Hoje, temos cursos de pedagogia a distância por R\$ 69. Aos poucos, perdemos a condição de colocar a educação no seu devido patamar."

Segundo Ana, a Lei do Piso foi um avanço por assegurar que os profissionais do Brasil tenham um salário base, o reajuste anual nos valores e um tempo da jornada para preparação de aula, mas ainda deixa a desejar na questão de formação. Com o objetivo de reverter a precarização, o Consórcio solicitou que o curso de pedagogia entre para o currículo da UFABC (Universidade Federal do ABC), além de pedir para a União que haja contrução de um IF (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia) em uma das sete cidades.